

# 03

**proto-história  
e romanização**  
guerreiros e  
colonizadores

**III congresso  
de arqueologia**  
trás-os-montes,  
alto douro  
e beira interior

**actas das sessões**

## índice

- 04 **prefácio**  
autor ?
- 05 **introdução**  
Luís Luís e António do Nascimento Sá Coixão
- 07 acta 1  
**Muralhas e Guerreiros na Proto-História do Norte de Portugal**  
Francisco Sande Lemos e Gonçalo Cruz
- 29 acta 2  
**Proto-História e Romanização do Baixo côa: Novos contributos para a sua caracterização**  
António do Nascimento Sá Coixão
- 56 acta 3  
**Cidadelhe e a Proto-História e a Romanização de Médio Côa**  
Manuel Sabino G. Perestrelo
- 72 acta 4  
**Proto-História e a Romanização entre o Côa e o Águeda**  
Susana Rodrigues Cosme
- 81 acta 5  
**A villa romana do Prado Galego. Breves notas sobre a campanha de 2006**  
Maria Pilar dos Reis e Fernando Santos
- 85 acta 6  
**Proto-História e Romanização no monte de Sra. Do Castelo, Urros, Torre de Moncorvo: Análise de materiais**  
Carla Maria Braz Martins

A *villa* do Prado Galego é uma estrutura habitacional romana situada a escassos 3 km a Oeste de Pinhel, na comarca da freguesia de Valbom, concelho de Pinhel distrito da Guarda. Edificada entre as curvas de nível dos 600 m e os 610 m<sup>1</sup>, implanta-se numa plataforma de uma suave elevação, definida por duas linhas de água que a ladeiam, afluentes da Ribeira da Pêga. A ocidente encontra-se como principal linha de água a Ribeira da Porquinha.

As campanhas de escavações arqueológicas, iniciadas em 2002<sup>2</sup>, resultaram em 2006 na terceira campanha, durante a qual foi possível identificar com maior rigor parte da estrutura habitacional, a par de uma caracterização mais completa dos níveis de ocupação. O nível de conhecimento é, no presente momento, bastante parcelar sem contudo não deixar de sugerir um conjunto de reflexões que aqui pretendemos expor de forma abreviada.

A campanha de 2006 permitiu-nos delinear uma parte importante, mas ínfima, da estrutura arquitectónica do conjunto (fig. 1). Uma ampla sala com mais de 45 m<sup>2</sup> está pavimentada com um mosaico policromo, geometricamente decorado e apresentando um medalhão central formado por uma coroa de loureiros; nos ângulos deste requadro que forma o medalhão central foram representados quatro cântaros realizados com tesseles em pasta de vidro. Esta sala abre para um corredor porticado, decorado com colunas em granito e capiteis jónicos esculpidos no mesmo material.

A Norte duas salas adossadas, com pavimento em terra batida, apresentam-se como espaços relacionados com a actividade doméstica, talvez a cozinha já que numa delas se construiu uma lareira em granito. O segundo ambiente, do qual já identificamos os limites, poderá ter sido pavimentado com um soalho de madeira; no substrato xistoso parcialmente desbastado e alisado, identificaram-se um conjunto de pequenas fossas cuja funcionalidade nos parece relacionada com o assentamento dos barrotes de apoio para colocação de um soalho, ao contrário do que identificamos na sala da lareira, onde se conservam alguns troços do pavimento em terra batida junto à estrutura de combustão.

Paredes meias com estes dois ambientes e seguindo uma planta linear, escavamos um edifício termal, de médias dimensões, do qual já se podem observar duas salas sobre *hypocaustum* (fig.2). O acesso a este espaço seria provavelmente realizado por uma porta identificada mais a Este e alinhada com o corredor porticado. A escavação de parte deste espaço termal permitiu identificar dois tanques, revestidos com argamassa hidráulica, posteriormente demolidos para construir o *hypocaustum* da área termal, elemento que claramente comprova uma fase anterior, a qual ainda não podemos descrever com pormenor, mas provavelmente relacionada com a alteração do acesso à sala da lareira, que numa fase inicial se situava no corredor porticado. Todavia teremos de desmontar as banquetas conservadas entre estes três espaços para poder, de forma correcta e inequívoca, entender a articulação entre os diversos espaços. Ao progressivo conhecimento arquitectónico desta *villa* associamos, também, um conjunto de espólio arqueológico de elevado interesse científico.

As cerâmicas, maioritariamente pertencentes ao séc. III e IV, são caracterizadas por uma ampla variedade de tipologias e formas, destacando uma taça de *Terra Sigillata* Hispânica Tardia (Drag. 37) decorada com círculos concêntricos aspidos, da qual se conserva a forma quase completa. A forte concentração deste tipo de cerâmica ao longo do Rio Douro, via fluvial privilegiada para a efectivação dos abastecimentos deste tipo cerâmico, é interpretada como prova da rede de distribuição até ao consumidor, desde os centros produtores, localizados, quer na região do Ebro, quer na bacia do Douro. No que concerne ao material anfórico, merece particular referência o conjunto de ânforas Almagro 51C, séc. IV/V, contentores que serviram para transporte do *garum* e preparados piscícolas, cuja importância não se cinge apenas ao conhecimento das dietas alimentares dos que aqui viveram, mas também comprova a alargada rede de distribuição destes condimentos alimentares tão apreciados em época

acta 5

## A villa romana do Prado Galego. Breves notas sobre a campanha de 2006

Maria Pilar dos Reis

Fernando Santos

<sup>1</sup> As coordenadas UTM do ponto central são: 29PF 5956 1625.

<sup>2</sup> Actualmente as intervenções arqueológicas são financiadas no âmbito de um projecto apresentado ao PNTA de 2005 e pela Câmara Municipal de Pinhel, inexcusável colaborador do projecto. Contamos também com a participação no projecto do Museu Monográfico de Conimbriga, instituição que assegura a conservação e restauro do espólio, instituição que em breve participará na consolidação do mosaico identificado. No projecto colaboram também a Liga de Amigos de Conimbriga e o Centro de Estudos Arqueológicos das Universidades de Coimbra e Porto.

romana. É também de destacar o representativo conjunto de cerâmica de construção, entre o qual uma *tegula* com texto epigrafado que em breve será objecto de publicação.

Durante a campanha de 2006 recolhemos ainda dois utensílios em ferro, concretamente uma colher de pedreiro, e uma colher, também em ferro. Esta última peça é semelhante às colheres votivas do séc. V; contudo todas as colheres votivas identificadas em Portugal são em prata, o que não se verifica nesta peça, remetendo-nos para uma classificação diferente, associada a peças do quotidiano, sem qualquer tipo de simbologia específica.

A maioria dos numismas recolhidos encontram-se em fase de tratamento de forma a permitir a sua classificação. Todavia, e numa primeira abordagem deste pequeno conjunto constatámos que a larga maioria são Constantinianos (337 a 355 d.C.), com excepção de uma moeda proveniente da sala do mosaico e a primeira a ser recolhida, um Antoniniano; no ainda pouco significativo conjunto numismático destaca-se também uma moeda de Galieno (253 -268 d.C.). A intervenção tem permitido a identificação de outras peças relevantes para a interpretação do contexto arqueológico, garantindo a atribuição de cronologias mais genuínas aos vários níveis deposicionais. O projecto em curso apresenta outras características de intervenção que estão intimamente relacionadas com a inovação e o rigor científico que imprimimos na nossa intervenção. Por um lado demos importância prioritária ao rigor do registo, por outro, apostamos na integração de um conjunto de especialistas em diferentes áreas, que colaboram na construção do discurso histórico.

O conhecimento actual desta estrutura habitacional, permite-nos conjecturar sobre a planta do edifício, que claramente é parte integrante da *pars urbana* da *villa*. O pórtico identificado, e ainda em processo de escavação, sugere a existência de um grande pátio, e uma estrutura de fachada linear, porticada, formando uma *loggia* para a qual abrem as salas de representação, como por exemplo a Sala do Mosaico.

Somos conscientes da antecipação que representa qualquer afirmação sobre a estrutura desta *villa*, face à área escavada da mesma e ao conhecimento absolutamente parcelar do que será a sua caracterização estratigráfica. Todavia a campanha de 2008, e as subsequentes trarão, certamente, informações fulcrais para o conhecimento desta *villa* em concreto, mas também, e a par de um crescente investimento científico nesta região da antiga Lusitânia, a *villa* do Prado Galego contribuirá e enriquecerá o conhecimento das dinâmicas de povoamento e estruturação das áreas rurais durante o período romano na vertente norte lusitana.

## figuras



**fig. 1** Vista geral do corte 8, corredor porticado, com duas colunas e respectivos capiteis tombados na zona do pátio.



fig. 2 Vista geral do corte 9, área termal.

ALARCÃO, J. (1988) – *Roman Portugal*. Warminster: Ed. Aris & Phillips, Ltd.

ALMEIDA, A. (1945) – *Roteiro dos monumentos militares portugueses*. Lisboa: Ed. de Autor.

BATE, L.F.(1998) – *El proceso de investigación en arqueología*. Barcelona: Ed. Crítica.

CABRAL, A. Dinis (1961) – *Castelo Rodrigo: Subsídios para a sua história*. Beira Alta. Viseu. 20: 4, p. 717-745.

FRADE, H. (1990) – *Novos elementos sobre o templo romano de Almofala*. Conímbriga. Coimbra. 29, p. 91 – 101.

FRADE, H. (1998) – *Ara de Júpiter da civitas Cobelcorum*. Ficheiro Epigráfico. Coimbra. 58, Insc. n.º 266.

LE DÉCOR = BALMELLE, C.; BLANCHARD-LEMÉE, M.; CHRISTOPHE, J.; DARMON, J-P.; GUIMIER-SORBERTS, A-M.; LAVAGNE, H.; PRUDHOMME, R.; STERN, H (1985) – *Le décor géométrique de la mosaïque romaine: Répertoire graphique et descriptif des compositions linéaires et isotropes*. Paris : Ed, Picard.

LOBÃO, J. L.; MARQUES, A. C.; NEVES, D. (2005) – *Povoamento romano na área da Torre de Almofala*. In *Lusitanos e romanos no Nordeste da Lusitânia (Actas da 2ª Jornadas de Património da Beira Interior)*. Guarda: Centro de Estudos Ibéricos, p. 171 – 188.

MARTÍN BENITO, J. I.; MARTÍN BENITO, J. C. (1994) – *Prehistoria y romanización de la tierra de Ciudad Rodrigo*. Salamanca: Centro de Estudios Mirobrigenses.

## **bibliografia**

OLEIRO, J. M. Bairrão (1986) – *Mosaico Romano*. In ALARCÃO, J., dir. – *História da Arte em Portugal: I: Do Paleolítico à Arte Visigótica*. Lisboa: Publicações Alfa.

PERESTRELO, M. Sabino (2000) – *O povoamento romano na bacia da Ribeira de Massueime (Guarda): Alguns subsídios*. In FERREIRA, M. d. C.; PERESTRELO, M. S.; OSÓRIO, M. ; MARQUES, A. A., ed. – *Beira Interior. História e Património: Actas das I Jornadas de Património da Beira Interior (1-3 de Outubro de 1998)*. Guarda: [s. n.], p. 97-120.

PERESTRELO, M. Sabino (2003) – *A romanização na Bacia do Rio Côa*. [S.l.]: Parque Arqueológico Vale do Côa.

REGUERAS GRANDE, F.; PÉREZ OLMEDO, E. (1997) – *Mosaicos Romanos de la Provincia de Salamanca*. [Salamanca]: Junta de Castilla y León (Monografías de Arqueología en Castilla y León; 2).

RAPOSO, L., CORREIA, V.H. (2000) – *Normas de inventário em arqueologia*. Lisboa: IPM.

ROCHA, A. Santos (1905) – *O Museu Municipal da Figueira da Foz: Catálogo Geral*. Figueira da Foz: Museu Municipal.

RODRIGUES, A. Vasco (1983) – *Terras da Meda: Natureza e cultura*. Meda: Câmara Municipal da Meda.

ROSKAMS, S. (2001) – *Excavation*. Cambridge: Cambridge University Press.

VIEGAS, C.; ABRAÇOS, F.; MACEDO, M. (1993) – *Dicionário de motivos geométricos no mosaico romano*. Conímbriga: Liga de Amigos de Conímbriga.

WYLIE, A. (2002) – *Thinking from things: Essays in the philosophy of archaeology*. Berkeley: University of California Press.v